

---

# O CÉREBRO E AS GUERRAS

**Edmundo Arruda e Marcos de Noronha**

Florianópolis - 10 de maio de 2022

---

---

Onde foi parar minha máscara?

---

## Introdução

Adolf Hitler foi um dos líderes mais atrozos que o mundo pode conhecer, amado e odiado, mesmo apresentando um comportamento bizarro, idéias delirantes de grandeza, obsessão pelos judeus e acessos de raiva e violência severos. Porém, sua articulação publicitária e sua precaução tentando esconder os esteriótipos que pudessem comprometer sua imagem o mantiveram no pedestal do “salvador da pátria”, para contemplação dos cidadãos alemães, muitos deles vidrados na figura de seu líder poderoso e que para alguns, seu “malvado favorito”. A história da humanidade mostra-nos, repetidamente, ações de estadistas e autoridades recorrendo a guerras a partir de pequenos conflitos. Por outro lado, a história também mostra a massa hipo-crítica, diante de seus líderes, mesmo quando estes demonstrando sinais psicopatológicos parecem estar levando a sociedade para um caminho incerto. Mesmo assim prevalece um querer acreditar, um idolatrar que cega a todos, ou nos deixa impotente. Em alguns pequenos conflitos, as consequências parecem desproporcionais às razões que os desencadearam. Estas razões e os sistemas de crenças das pessoas envolvidas guardam uma distância considerável da realidade sensível, e as ações se mantêm à custa de um propósito que denuncia os interesses pessoais dos protagonistas, realçando a contradição de seu propósito social anunciado e os sérios e irreversíveis prejuízos a sociedade. Ou seja, Nero, Hitler, Putin, dentre outros, só estariam pensando em si, ao invés do propósito anunciado.

Hitler foi feliz quando promoveu que os alemães devessem amar a pátria e odiar os judeus, num continente onde diversos Estados e por longa data, já perseguiram este povo. A família de Baruk Espinosa, por exemplo, um conhecido pensador, era composta por judeus ativos e viveu bem antes da existência de Hitler. Esta família teve que deixar Portugal para se refugiar na Holanda, mais tolerante com esta religião, onde os judeus eram menos estigmatizados. Hoje na Rússia em tempos de conflito, qualquer um pode ser

condenado simplesmente por chamar de "guerra" a ação militar sobre a Ucrânia, ou pegar 15 anos de prisão, por ajudar um ucraniano, qualquer que seja ele. Neste momento, na Rússia, a população só tem acesso a propaganda do governo, pois foram bloqueadas todas as redes de notícia na web. O russo em seu território só pode ter contato com aquilo que seu governo quer que ele saiba. As notícias são direcionadas a manterem o apoio da população ao presidente Putin e reconhecerem que houve traição dos vizinhos, os ucranianos. Estes, por sua vez, consideram que estavam apenas tentando ser livres e tentando se aproximar da Europa, simpática aos americanos, no pleno direito de exercerem sua autonomia.

Entretanto, mesmo diante de um conflito pontual, como este entre a Rússia e a Ucrânia, consequências bélicas em escalada mundial é sempre uma hipótese a ser considerada, pois como foi dito, costumam ser desproporcionais às razões que as desencadearam. Nesse pano de fundo as razões implicadas naquelas tensões conflitivas e os sistemas de crenças das pessoas envolvidas guardam uma distância considerável entre realidade sensível dos comuns e seus entornos. Eis o palco para as ações mais amplas das elites envolvidas nas corporações: interesses e disputas pessoais. Costumamos encontrar muitas assimetrias entre discursos do poder e poder real em jogo. No fundo elas se mantêm às custas de propósitos escusos ou silenciados que elidem interesses pessoais dos protagonistas mais explícitos (o Estado ou dado governo, por exemplo) e de pequenos grupos, a despeito das motivações mais estruturais, políticas econômicas e culturais. Vendo sob esse prisma, potencializa-se a contradição de seus objetivos sociais anunciados e os sérios e irreversíveis prejuízos à sociedade causados pela intervenção de personagens que protagonizam os eventos que eles mesmos ajudam a antagonizar. Para complicar, no bojo desse processo social altamente contraditório as partes envolvidas empreendem uma guerrilha de narrativas, como veremos mais adiante, confundindo ainda mais os envolvidos e os espectadores dessa dramática situação conflitiva.



---

### Razões Incontestáveis

Quando estamos diante de uma escolha, a escolha de um lado, de uma posição política ou ideológica, a crença que a move carrega uma espécie de pré-compreensão, ou como diria Goethe, “afinidade eletiva”. Ou seja, a escolha implica, desse ponto de partida, sistematicamente e apenas, de confirmação. Em tudo buscamos, incansavelmente, reconhecer que estamos certos nas nossas escolhas. Trata-se da regra ou tendência, de alguma maneira presente em toda ação social, na medida em que implica em uma dada visão prévia do mundo. E assim, continuamos buscando incansavelmente a identidade entre o escolhido e a percepção de que estamos certos, ou do lado bom da história, ou da estória que foi criada.

Um exemplo bem evidente pode ser verificado quando buscamos nas redes sociais ou por outras vias, mesmo em bate papo com as pessoas, informações que possam atender a esta necessidade entre nomeação e confirmação. Esta atitude parece ser um tanto diferente daquela outra, quando nos dispomos e nos encontramos “mais livres” ou menos sugestionados para pensar e refletir sobre os fatos. Nesse esforço analítico o observador não supera todo o espectro pré-compreensivo mas o coloca sob mediação na qual, na medida do possível (a autoconsciência absoluta é impossível), a nossa emoção não imponha arbitrariamente obstáculos ao

discernimento, nem provoque bloqueios cognitivos. Nesta condição de relativa liberdade e saúde psíquica possível para exercê-la, tramitamos pelos demais pontos de vista, nos colocando, na medida do possível, pois não há autoconsciência absoluta, repito, no lugar do Outro, examinamos mais atentamente as suas ideias, contribuições, parcelas de verdade, considerando o que elas colocam para nós e para a sociedade. A sociabilidade social exige essa intermediação, subjetiva e concreta dos indivíduos, dentro de instituições sociais, objetivas. Ocorre que em situações extremas, nas quais as reais polarizações sociais eclodem— elas se acirram e não raramente induzem, por desinformações de todos os tipos, à produção de falsas narrativas de cunho mais particular, particularistas quando extremadas. Eis o terreno social no qual tudo fica ainda mais embolado e conflitos podem adquirir consequências imprevisíveis. É o chão mais propício para a emergência de lideranças populistas preocupantes, como em tantos momentos a história nos proporcionou.

Em recente reflexão, em forma de livro, que Noronha lançou com o nome “O Cérebro e as Emoções”, expos sobre o funcionamento cerebral, reconhecendo o papel da emoção sobre o nosso comportamento. Dispensando neste artigo os detalhes técnicos que podem ser verificados naquele trabalho. Aqui procuro, na forma de exercício intelectual além da fronteira disciplinar médica no sentido mais restrito, estendendo-a à dimensão sociocultural das influências nos horizontes possíveis da reflexão política em tempos excepcionais de insegurança que caracterizam a patologia social de uma sociedade em evidente crise civilizatória. Ela se encontra numa encruzilhada na qual as vias de mão dupla do indivíduo e da sociedade se dissociam. Apesar de razões públicas para a tensão e a conflituosidade social bem conhecidas, nos bastidores ergue-se um teatro no qual se induz o povo a escolhas de dirigentes autocráticos e ditadores, aqueles que por suas ações já provaram no passado serem capazes de excessos e atrocidades bem testemunhadas durante todo o século XX (de Auschwitz aos Gulags). Como

evitar a repetição histórica? Tramitamos com a consciência da necessidade da escolha de um líder, junto ao pânico de estarmos elegendo um ditador?

Neste momento, de nossas escolhas, nem sequer percebemos do que estamos sendo cúmplices, colaborando para reforçar o estigma do que o ser humano é capaz em termos de maldade e destruição. Neste breve artigo, queremos demonstrar que nosso temperamento não é ruim, pelo contrário, somos altruístas em nossa essência, e o instinto para a preservação individual extrapola nossas necessidades e nos vemos nos ocupando dos outros num verdadeiro ato de altruísmo. Vale ressaltar a contribuição de Rutger Bregman em Humanidade. Uma história otimista do Homem, ou sobre a dimensão do homem, contemplando sua natureza e a cultura defendida nos discursos e obras de Boris Cyrulnik.

Os líderes carismáticos autoritários, com vocação totalitária, continuam a seduzir milhões pela promessa de nos proteger e nos trazer vantagens - para pessoas e grupos - pouco se importam com as consequências de seus projetos para o benefício da sociedade. De fato, estudiosos das crises da democracia registram que elas ocorrem também por descrença nos políticos e na política tradicional da representação liberal. Neste momento, de nossas escolhas um tanto condicionadas, o contexto da desinformação nem sequer permite que percebamos do que estamos sendo cúmplices, colaborando para reforçar o estigma do que o ser humano é capaz de maldade e destruição infinitas. Estonteados pelos efeitos das narrativas sobre esta ou aquela postura política, de dada ideologia ou de candidato, nem nos damos conta da regressão na qual somos empurrados, tomando adversários como inimigos a serem afastados e no limite, eliminados.

Neste breve artigo queremos demonstrar que nosso temperamento não é ruim nem bom, necessariamente, posto que somos capazes de responder, diante das mais duras condições adversas, com comportamentos fraternos e

altruístas, da mesma forma que de maneira irracional e destrutiva. O instinto para a preservação individual extrapola nossas necessidades para se ocupar do Outro, mormente quando o medo da perda de territórios (simbólicos e reais) imperam. Tomemos um exemplo. No delírio humano, estamos em desarmonia com as bases que sustentam nossa razão no sentido de sentimento de justiça ou de busca de um mínimo ético de contratualidade, na medida em que aquele estado de desorganização psíquica interrompe ou bloqueia as nossas condições apropriadas para escolhas e ações práticas capazes de nos proporcionar percepções e sensações que temperam e impulsionam nossa vida para o Comum. Sabe-se que os instintos mais primitivos agudizam-se em situações de retrocesso de sociabilidade, nas quais preponderam o não razoável e o irracional. Mas como entender o comportamento destes líderes? Como suas intenções possam estar em desarmonia com as necessidades sociais? Trocam as realizações positivas que poderiam ter, pela necessidade de consolidarem ainda mais o seu poder? Esses líderes são capazes, nos seus delírios, de induzirem a uma psicose coletiva?

---

## Delírios

Noronha, como psiquiatra, lidando com diversas psicopatologias, quando identifica em seu paciente um delírio, sabe que está diante de algo grave, conotando um estado psicótico agudo ou crônico. O seu paciente, as vezes, ou não raramente, recorre como fuga de um mundo desagradável ou que compromete sua segurança, a busca de um outro mundo acolhedor. Esta escolha persiste, embora se depara com elementos dissonantes ou incongruentes, mesmo inverificáveis na realidade. Rudolf Hess, do alto escalão do Nazismo, foi irreduzível na crença de estar realizando um ato heróico, quando em plena Segunda Guerra deixou furtivamente a Alemanha para propor a paz com a Inglaterra. Preso e tratado ao contrário do que



imaginava, quando interrogado (ao invés do diálogo que esperava em seu ato de bravura, pelas mais expressivas autoridades inglesas), se manteve fiel ao Führer, repetindo seu discurso e propósito, mesmo diante das evidências. Este estado, que chamamos de loucura, costuma vir acompanhado de desorientação e confusão mental. Trabalhadores em saúde mental são treinados a reconhecerem a psicopatologia e a falha na comunicação destes pacientes, que lhes tiram qualquer possibilidade de ser entendido. A repercussão desse evento dissociativo na sociabilidade varia na prevalência da incompreensão e desperta estigmas no seu entorno, causando repulsa e mesmo exclusão social daquele indivíduo. Na época do caso Hess diversos interesses políticos envolvidos, de um lado reconhecendo sua doença e do outro, decidindo sobre sua sanidade e a legalidade de executá-lo, estes últimos se valendo dos excessos de traços histéricos tentavam excluir a evidente esquizofrenia e confusão mental do alemão, que curiosamente fingia estar louco, sem saber que assim se encontrava.

A convicção do louco delirante, mesmo que totalmente equivocada, é mantida pelas falsas conclusões que faz sobre as ações dos outros, sobre a realidade exterior, e vão se tornando rígidas e inabaláveis. Nenhuma evidência contrária dissuade-se nesse processo confuso e seu pensar diferente prevalece diante do nosso esforço e de todos os nossos argumentos. Estes quadros delirantes, alguns reversíveis com neurolépticos (medicamentos anti-psicóticos) e pela abordagem do psicoterapeuta ou crônicos, são extremamente graves e pode levar a consequências fatais, e a desgastes sistemáticos de convivência.

Estar em delírio pode significar estar distante da terra, em outro universo, que, mesmo a despeito dos enviesamentos com a realidade, pode ser contagiante e despertar no outro elementos de crenças e fanatismos que o delirante adotou. Nesse aspecto o delírio de uma liderança pública carrega consequências sociais imensas em termos da patologia social. Essa postura



delirante não se restringe ao universo da psiquiatria, somente. Na humanidade, e a história pode confirmar, podemos encontrar inúmeros exemplos de atitudes delirantes de pessoas influentes, vale dizer, com capacidade de poder aglutinar grandes contingentes de outros indivíduos identificados com líderes populistas. É o caso da identificação social delirante. Ela se produz em contextos adversos de sensação de desesperança, medo, pavor com homens e instituições, com suas vidas individuais ou com o sentido da história de seus países. Muitos são os indícios de desregulação emocional relacionados com o social, justificando a outorga da salvação à dada figura messiânica, salvadora da pátria ou de dada comunidade. Vejam, por exemplo, os suicídios coletivos em grupos religiosos extremados, como na história de Jim Jones em 1970 que deixou os EUA para criar uma comunidade em Jonestown, na Guiana, levando a morte de cerca de 900 pessoas.

A um psiquiatra, propor diagnosticar uma determinada personalidade, pode fugir dos fins a que a medicina propõe com o diagnóstico. Muitas vezes a encomenda feita a um profissional para realizar o diagnóstico, pode ter o objetivo de difamar, e não, o que seria apropriado, reconhecer a doença para fins de tratamento. As ferramentas que o médico dispõe em seu papel cotidiano para realizar estes diagnósticos estão, comumente, no consultório, onde conta com as entrevistas com o paciente e onde colhe informações de sua história seus familiares e amigos. O objetivo destes momentos, em nominar o que está acontecendo com ele e seu entorno é tentar recuperar sua saúde e gerar novamente harmonia em sua vida. Quanto a diagnosticar as personagens históricas, do passado ou atuais, teríamos que contar com as informações que circulam nas diversas mídias sobre a personalidade em questão, e além disso, a encomenda nada tem a ver com o intuito de tratamento e cura, que médicos são treinados a atuar. Muitas vezes são buscas de opiniões para confirmar paixões e desafetos, nos cenários sociais polarizados. A avaliação do profissional apaixonado, deste quesito, em nada

poderia contribuir para um entendimento verdadeiro de personalidade ou psicopatologia.

Por outro lado, recorrer à metodologia biográfica de alguns personagens históricos mais evidentes, do passado ou atuais pode ser suficiente para arriscarmos, com nosso melhor discernimento, associa-los a uma psicopatologia. As personagens com evidentes traços psicopatológicos da história foram tema em diversas obras, como Dona Joana, a louca, o eunuco Caffarelli, o psicótico Schumann, o pintor Van Gogh, o dançarino Nijinsky, estes e outros retratados por Juan Antonio Vallejo-Nágera em “Loucos Egrégios”. Estamos cientes de que um aprofundamento das ideias aqui expostas exigiria contar com mais informações que circulam nas diversas mídias sobre as personalidades atuais escolhidas, como reveladoras do ser delirante. Neste artigo, trata-se apenas de um pequeno esboço ensaístico. Além disso, a empreitada nada tem a ver com o intuito de tratamento e “cura”. Eles indicam uma loucura social em curso, segundo Ulrich Beck (*Metamorfose*). Por certo, este observador enquanto psiquiatra e cidadão também se encontra atravessado pelos tempos passionais das crises que nos atingem, o que reduz qualquer pretensão nossa de avaliação “neutral” na maneira para entender as personalidades que nos cercaram e nos cercam. Trata-se tão somente de uma desenho individual sobre o que nos chama a atenção diante do quadro de retrocesso social em curso e que julgamos mais uma evidência de que o estado geral de delírio é muito mais amplo que possamos imaginar, aproveitando mais que pacientes, mas observadores em geral, inclusive profissionais da área da saúde preocupados com aquela grave doença.

---

## **Bolsonaros e Lulas**

Se nossa reflexão aqui fosse impregnada de desilusões e paixões, certamente não seríamos justos com os leitores e sabemos que este tipo de influência existe em todo observador. O que estamos fazendo ao escrever este artigo neste momento é tentar reconhecer toda e qualquer influência desse tipo e afastá-las na medida do possível, para proporcionar uma boa reflexão sobre o tema. Motivados por situações que nos tocam, tomamos nossas iniciativas, como por exemplo de escrever, mas a saúde pessoal do autor é essencial para um bom artigo e para qualquer operador social. Requer que nossa razão possa tramitar em diferentes pontos de vistas. Não vamos nos iludir que haja um padrão de normalidade inquestionável, mas sim um grau mínimo de disposição e mediação linguística para operar a razão, vale dizer, exercitar os trâmites em diferentes pontos de vistas, pois sempre haverá parcelas de verdades em argumentos de interlocutores. Saúde aqui, então, é operacionalmente concebida como uma disponibilidade, a de reconhecimento de que os tempos regressivos atingem a todos e o esforço para entendê-los passa por uma busca dialética, ou comunicação em tempos de bloqueios linguísticos.

Assim sendo, temos que ter condições de examinar o contraditório nos seus meandros e entornos para a tomada de posição reflexiva, de maneira a prevalecer a referida dialogia, ou comunicação capaz de provocar algum bom senso que redefina as condutas no paciente. No caso das ponderações de grandes líderes autocráticos, este escopo face ao indivíduo somente guarda uma relação assimétrica entre consciência e adesão. Quanto menos consciência de si mais identificação com saídas autoritárias, delirantes. O inverso procede. Escutá-lo para melhor diagnosticar e prognosticar. Um jornalista, por exemplo, pode ser de esquerda ou de direita, mas ao escrever e publicar sua matéria precisa revelar se está como jornalista e não como um militante partidário, ou seja, apresentando sua matéria ou fazendo uma campanha. Esse reconhecimento o define como profissional habilitado no agir técnico ou político.

Como as polarizações contagiaram diversos seguimentos da sociedade é imperativo discutirmos os mecanismos que alteram severamente a comunicação e inviabiliza os debates. Estamos planejando, junto as associações nacionais e mundiais, um fórum na América do Sul dedicado a promover e debater sistematicamente o “mundo em desordem” e, especificamente, criando condições de melhor compreender o cérebro nas polarizações e seus impactos sociais. O lugar previsto para este grande conclave preliminarmente deverá ser na cidade de Foz do Iguaçu, na tríplice fronteira.

Personagens políticas mostram, em suas trajetórias e contradições, muitas coisas. A exemplo: é motivo de piada que na hora de pedir votos nos contagiam com promessas, que jamais irão cumprir. Anunciam suas intenções e expõem seus princípios, dos quais, alguns deles, serviram para conquistar-nos, mas ao agirem, distanciam-se destas promessas e parecem visar apenas o poder e benefícios pessoais dele advindos. Nas disputas por este tão cobiçado poder recorrem a uma guerra de narrativas, encomendadas ou espontaneamente feita por seus eleitores. Foram inúmeras as tentativas de usar do diagnóstico psiquiátrico como forma de desclassificar o adversário. As últimas pessoas que assumiram o poder no Brasil, dentre eles, o presidente Lula, sua sucessora Dilma e agora, Bolsonaro foram alvo destas tentativas de detração e destruição da reputação.

Diversos psiquiatras, psicólogos e psicanalistas se submeteram a este trabalho, com interpretações um tanto apressadas quando não, absolutamente equivocadas, lavradas sem as devidas fundamentações científicas ou por simples má intenção no bojo da guerra nas quais tudo se resume à lógica de torcidas de futebol. Jornalistas deram sua contribuição para ampliar essa crise, quando transvestiram-se de médicos, com nítida arrogância, arriscando diagnósticos, conforme registra Antônio Carlos Prado da Isto É em sua matéria “*A Psicopatia de Bolsonaro*”. Um psiquiatra forense, Guido Palomba, emérito da Academia de Medicina de São Paulo, ganhou

também destaque nas redes ao afirmar que o presidente possuía traços de psicopatia ou sociopatia. O jornal Estado de Minas, assinado pelo colunista Ricardo Kertzman em agosto de 2021, ao anunciar que "*o estado mental de Bolsonaro é preocupante*". E ainda esbraveja o colunista, "*que ninguém em plenas faculdades mentais e isenção de ideológica, ...considere o atual presidente da República um homem sã e capaz de governar o País.*" Um psicanalista e professor da UFRJ, Joel Birman vai além ao cogitar a psicopatia do presidente por sustentar a "*tortura e a ditadura militar*".

Não foi diferente com Lula esse doentio processo crônico de difamações sob questionáveis diagnósticos quanto à sua loucura. As manifestações proliferam nas redes, tentando enquadramento psíquico, como analisou o psiquiatra Ednei Freitas, alegando que "*esse tipo de psicopata é difícil de curar e o paciente não melhora na cadeia*" (publicado no blog Tribuna da Internet). O fato de Lula, por exemplo, ter um pai alcoólico que contribuiu para ampliar a sua infância sofrida e a sua meritória ascensão da pobreza ao posto de presidente por dois mandatos, dividiu a população entre o orgulho e a rechaço social. Por certo, erros na gestão lulista contribuíram para a ampliação de sentimentos renovados de reconhecidos preconceitos e rejeição à chegada ao poder de um líder popular. Na medida em que a Lava Jato foi revelando a criminalidade do político, Lula tornou-se um objeto de condenação moral e execração pública. De vítima e herói passou a vilão, mentiroso, cachaceiro; de orgulho por ele, despertado na população, despertou raiva em muitos de seus eleitores. Agora a campanha tenta passar de vítima, a novamente salvador da pátria e das impropriedades do atual presidente. Quando a vaza jato revelou o direcionamento e a manipulação de julgamentos, dos quais resultaram a anulação de muitos processos, gradativamente Lula vai tentando recompor a sua imagem junto ao eleitorado. Mesmo nos dias de hoje e em tempos de disputa eleitoral, o ex-presidente perfaz o pêndulo de vítima a herói, de vilão a salvador dos miseráveis. A decepção de parte da população com Lula é tamanha que eu

duvido, que na qualidade de candidato eleito, teria condições de bem governar, com alguma estabilidade institucional. Os militares já erguem a tese de fraude eleitoral, em caso de derrota bolsonarista.

Da busca em sua trajetória de vida, dos elementos de superação, que o transformaram em vencedor, como por exemplo, herdando de sua mãe a persistência e coragem, depois dos fatos revelados, a sociedade buscou o oposto. Nesta condição salta aos olhos da sociedade os aspectos negativos de seus antecedentes, o que confirmaria sua desonestidade e sua psicopatologia, repetindo também o pai na compulsão por álcool e poder. As atuais regras que movem o sistema judiciário determina que, mesmo diante das evidências de corrupção sistêmica, um cidadão é considerado inocente até esgotadas todas as formas legais de apreciação dos recursos a ele garantidos como direito constitucional. No processo da condenação do ex-presidente, sua defesa conseguiu provar falhas para enfim conseguir a nulidade dos processos, o que não prova sua inocência, mas implica em reiniciar todo um novo processo para provar ou não, sua culpa nos crimes de desvio do dinheiro público. Novamente muitos profissionais da saúde mental insistem em confundir, no bojo das crises, seus desconfortos existenciais com dada proposta política e social e diagnósticos abusivos sobre essa ou aquela liderança. O problema parece residir num Outro, um bode expiatório da coloração de escolha do cidadão enfeitada na indumentária do discurso profissional.

Até a utilização promocional que fez, segundo os inimigos de Lula, por ocasião do falecimento de sua esposa, foi relacionado a uma psicopatia. No caso da presidente Dilma, relacionaram uma disfunção cognitiva, que virou motivo de piada no país. Aproveitando disto, o psiquiatra Marcelo Caixeta, viaja na mesma linha tentando enquadrá-la num diagnóstico de doença mental (que pode ser pesquisado na web), dando de si o pior que lhe

proporciona a profissão, para encontrar o pior no outro fornecendo elementos para sua desmoralização.

Estes breves apontamentos não visam inibir ou desconsiderar o direito das pessoas emitirem suas interpretações sobre o que tomam como doentio ou sadio, mas apontar a equivalência de posturas de sentenças condenatórias que no fundo pouco divergem quanto aos erros de perspectivas presentes, bem entendido, em situações de tensões e mutações ainda não bem estudadas. Também a população desqualificada vem arriscando e exercitando a opinião diagnóstica, como emprega outros adjetivos para as celebridades com os quais se desiludiram. E o que dizer de amplos setores medianos e altos, sempre dispostos a exercer acriticamente juízos de valor seja para malhar líderes seja para endeusá-los como salvadores dos pobres ou da pátria. São expressões que nestes casos revelam mais sobre aquele que opina, do que o objeto em questão. Porém, quando revestidos e legitimados pela certificação de saberes médicos alçam o patamar de naturalização ou normalização de algo não natural nem normal, que é o fato de ilegitimidade de manifestação pública desta natureza irresponsável. O fato nos coloca diante de um verdadeiro atentado ao bom senso e um desserviço social que age como vetor de polarização, agravando a crise e causando inesgotáveis prejuízos ao debate e à vida individual das pessoas, embotando-lhes ainda mais a capacidade de compreender a loucura social e a sua própria, norteando melhor as escolhas, inclusive a melhores líderes para uma nação.

O que queremos dizer é que se, ao analisarmos uma pessoa, qualquer que seja ela, não tivermos claro nossos interesses subjacentes no onde e como nos situamos diante deles, muitas vezes nossa emoção interferirá de forma a trair o exercício mais apropriado do pensamento, impedindo a prevalência da razão. Nesse caso estaremos apenas contribuindo com a guerra de narrativas insólitas e mal intencionadas. Lembremos da iniciativa dos



Vallejo-Nágera, em *Loucos Egrégios*<sup>1</sup>, que nos influenciou na década 70. Ele começou o livro de forma exemplar, falando de Maquiavel e do nosso equívoco em atribuir a ele um comportamento “maquiavelico”. Niccolò Machiavelli (1469-1527) era um ser multifacetado, com inúmeras qualidades e, como escritor, foi autor do clássico “O Príncipe”. Vallejo- Nágera cita o personagem, não como mais um louco, mas como exemplo de que a conotação de seu nome, o associando a malignidade, crueldade fria trata-se de um tremendo erro de perspectiva histórica para um homem alegre, bondoso e honesto. Faz-me pensar, como seriam encarados no decorrer da própria história, as personagens brasileiras que citei acima. Não que não possa haver traços doentios em Lula e Bolsonaro, nem que possam ser equiparáveis como homogêneos em comportamentos, mas não se sustentam os juízos ao calor passional dos nossos tempos. Haverá que se deixar a poeira baixar para termos um quadro mais seguro relacionando o mal-estar atual e as interações com o mundo da política e dos políticos em ascensão.

---

## Guerra de Narrativas

Edmundo Arruda publicou dia 30 de março em *Os Divergentes.com.br*, um artigo "Putin e o Putismo". Nele destaca os traços de Vladimir Putin, o então presidente da Rússia que invade o país vizinho, a Ucrânia e justifica o ato, além de outras razões, de uma ação sobre focos nazistas em partes do territórios ucranianos no qual prevalece a cultura russa. Como escritor, sociólogo e advogado, conta que na atualidade vivemos em "tempos nebulosos de promiscuidade de ideias e pragmatismo venal". Acrescenta que Putin é dado a "blefes e mentiras", manifestações comuns em tempos de guerra e eleições para ganhar a opinião pública. O cenário da Guerra da

---

<sup>1</sup> Juan Antonio Vallejo-Nágera, conservou o nome, de um livro anterior, "Loucos Egrégios" e as inspirações da iniciativa de seu pai deu continuidade na interpretação de grandes personalidades da história da humanidade.

Ucrânia coloca Biden, presidente dos EUA ao lado de Zelensky que deu continuidade a luta contra os separatistas de seu país. Quanto a divulgação pela Rússia ao mundo, de que essa Guerra, se trata de uma intervenção contra grupos Neonazistas no país vizinho, trata-se de uma falácia insustentável. Na última eleição democrática na Ucrânia, eles não passavam de 2% dos eleitores.

Mesmo uma mentira deslavada, como pode interferir a quem possa ser e por qual razão? No Brasil, com o desmascaramento das ações do governo comandado pelo Partido dos Trabalhadores, por um bom tempo com a ajuda da mídia, a questão era se Lula sabia ou não sabia dos crimes que envolvia o seu governo. Muitos não conseguiram aceitar as evidências, por razões discutidas no meu livro “O Cérebro e as Emoções” , também no capítulo “A Confiança Injustificada”, onde lembro os leitores, que mesmo depois das inúmeras acusações e prisão do presidente, um bom número de eleitores destinaram a ele seus votos. Na maioria das vezes estes eleitores não tinham argumento para defesa do presidente Lula, diante dos fatos revelados, negando apenas estes fatos e argumentando que os crimes não foram provados. Apegados a ideologia procuravam eliminar o posicionamento contrário, e sempre focados na personagem que os representavam, e jamais defendendo os comparsas do presidente envolvidos no crime. Em relação a outros eventos mundiais desta natureza, como os que envolve o presidente Maduro na Venezuela, Recep Erdogan na Turquia, Viktor Orbán na Hungria que acaba de ser reeleito para seu quinto mandato, Rodrigo Duterte na Filipinas, Evo Morales na Bolívia e Xi Jinping na China, e claro, sem falar nas características comuns que reúnem o ex-presidente Trump dos EUA e o atual Bolsonaro, do Brasil, um bom número de pessoas na sociedade os escolhem movidos por uma emoção apaixonada, numa ação em que quase nada contam com a razão.

Outro fato chamativo são os discursos similares, embora em posições opostas, da "esquerda tradicionalista" e da "extrema-direita", que curiosamente parecem coincidir. Os auto-apegados ao poder, como escrevemos acima, são capazes de promover atrocidades na humanidade, como pregoa a história. Afinal, quais as reais diferenças entre os genocídios perpetrados por Hitler e Stálin? Muitas vezes, a razão deste apego e suas consequências são justificadas como uma forma compensatória para suas fragilidades, mas que ao invés de curá-los, os mantêm neste estado mais próximo de uma insanidade do que da lucidez. Quando buscamos o poder, custe a quem custar, e somos capazes de permitir a morte de parte da população e os prejuízos sociais para mantermos nossas convicções e domínio, encontram-se deteriorados, neste caso, nossos sentimentos mais nobres, como o de altruísmo, por exemplo. Se recorrermos agora à história de vida de algumas personagens conhecidas, como Hitler, Stalin, Mao Tsé-Tung, Saddam Hussein, Idi Amin Dada, Muammar Gaddafi e a dinastia Kim, confirmaremos o que eu quero destacar. Se algum leitor, por ventura afetado por uma "imunização cognitiva", ler acima seu ídolo destrutado, deixará a lógica dos fatos, que os condena, para defendê-lo com unhas e dentes e nem continuará a ler este artigo. Reagirá mais com emoção do que argumentos lógicos, e procurará colocar o autor das críticas, como parte de algum grupo opositor. Fato comum, considerando que o nosso cérebro procura, de todas as formas, proteger os nossos credos, como se houvesse uma "química da teimosia". Para este fim, considera que ideias que venham a contrariar nossas escolhas, nos colocam em perigo, o que sugere que nossos apegos, trazem nos bastidores, as alianças que fizemos, muitas delas inconscientemente, para nos sentirmos pertencentes e com valor.

---

### Atenção da Mídia

De um momento para o outro, a Guerra da Ucrânia, ao tomar conta do noticiário, substitui o terror de uma campanha infundável sobre os perigos de

contaminação pelo vírus Sars cov 2, por um cenário de batalhas onde os rostos dos soldados, e até mesmo da população, não estão cobertos por máscaras anti-virais. Trauma por trauma, bombardeio da mídia, mesmo que, por um objetivo genuíno de alertar a população dos perigos da infecção e as medidas protetivas a serem adotadas, são tão perversos como os bombardeios por bombas sobre nossas cabeças. A pandemia divide a população entre aqueles que permanecem trancafiados, para não correrem o risco, daqueles que voltam gradativamente a uma normalidade diferente. Divide ainda, entre aqueles que permanecem trancafiados, para não correrem o risco, daqueles que voltam gradativamente a uma normalidade diferente, ainda com o passado recente procurando tirar-lhes o presente, mas seus passos firmes nas pegadas da vida vão sendo iluminados pelo sol, lhes devolvendo a paz da realidade atual. A situação sanitária atual é diferente de quando começou a pandemia, mas a desqualificação dos gestores e da própria mídia, contaminadas pelas disputas que impregnaram as ações que deveriam ter existido para nos proteger, não elaboraram até então nenhuma campanha para amenizar os traumas do terror instituído. Não vi, na mesma mídia que propôs "coloquem suas máscaras", uma atualização em, "tirem sua máscaras", respirem, se movimentem, visitem seus amigos e familiares, saiam de casa. Esta campanha, fizemos no nosso microcosmo, nos grupos de Terapia Social em Florianópolis. Nem todos os terapeutas de nossa equipe, tiveram saúde mental para lidar com a pandemia, nos piores momentos, e tão pouco, tiveram condições de se adaptarem a medida que o cenário foi melhorando e conseqüentemente nossa maneira de atender os inúmeros pacientes. Compreensível pelo fato de que todos nós fomos influenciados nesta campanha e nosso papel social, de profissionais de saúde, não ficamos ilesos, mas se tratando de um serviço essencial, de assistência a saúde, há uma razão para não esquivarmos de nossas responsabilidades. Se nossos sintomas nos impedem, devemos buscar ajuda para retomarmos este papel.

Noronha pessoalmente, durante a pandemia, adotou uma postura de buscar as informações em fontes diversas, selecionando os veículos e os cientistas que me pareciam numa postura menos apaixonadas, expondo seus pensamentos e defendendo suas convicções com argumentos mais claros. Valorizei também fontes, da grande mídia menos, em comparação com as que busquei na web. A sociedade e as redes sociais já estavam divididas, e foi com grande esforço identificar o que era relevante nos chats de grupos opostos. Conversamos muito com os colegas médicos, mais conceituados e estudiosos, dos quais alguns, também foram afetados neste cenário e se posicionaram de forma radical. Tendo sobre sua responsabilidade a clínica e o Hospital da Polícia Militar, onde com a equipe, Noronha realiza as Terapias Sociais sua postura foi, além da responsabilidade de manter o tratamento, a de considerar também sua família e sua idade, acima dos 60, e os cuidados para não se contaminar. Desde os primeiros momentos de pandemia, quando foi proposto o isolamento social e depois apenas o distanciamento, Noronha pensava na questão traumática e as repercussões diversas, conforme as características de seus pacientes. Sua equipe, que também assiste a comunidade terapêutica Recanto Silvestre, com uma população de adictos internados, teria que enfrentar os riscos naquele espaço e alterar a forma de trabalho, tapando seus rostos e dispensando os abraços típicos de nossas reuniões. De modo geral, nos saímos muito bem em relação as baixas, não tendo nenhuma por morte e inexpressivos estados de contaminação, nem sequer obrigando a estes uma internação em hospital clínico. Criaram condições de assistência remota, e tanto Noronha como sua equipe, administrativa e técnica, não deixaram de atender durante a pandemia. Não adiaram o retorno ao atendimento presencial, tão importante para a qualidade da assistência, e não se acomodaram nos espaços de telemedicina ou teleassistência psicológica. Promoveram o retorno ao presencial e ao retorno da ocupação dos espaços sociais. Ficamos perplexos com a resistência das escolas, principalmente as federais, ao retorno às aulas presenciais. Os prejuízos foram severos nos alunos portadores de déficits de atenção,

sintoma comum em diversas psicopatologias, como foram também severos nos deprimidos que se isolaram. A atitude exagerada das universidades, que aparentemente era anunciada como medida de proteção, parecia ser mais política e contribuiu com a propagação do terror. Ontem, um de nós, passando no entorno da Universidade Estadual e da Federal em Florianópolis, notou curiosamente um bom número de pessoas tapadas, adultos e crianças, em lugares abertos e sem aglomeração pública, numa área plena de vegetação e parques.

---

## Conclusão

Como apresentamos acima, o uso de "diagnósticos" desrespeitando os objetivos éticos, para fins que não sejam de compreender a patologia e determinar o tratamento, pode ser uma forma perversa de estigmatizar o sujeito em questão ou protegê-lo indevidamente, diante de um delito. O papel de elaborar diagnóstico, previsto no ato médico aprovado em 2017 no Brasil, é exclusivamente do médico. Isto não quer dizer que outras profissões não possam fazer seus próprios diagnósticos, dentro de suas disciplinas, para se comunicarem, mas o valor legal do diagnóstico deve ser médico, como prevê a lei. O profissional que se submete a atender interesses outros, daquele previsto pela ética, certamente não traz a contribuição que se espera dele, fomentando o preconceito sobre o outro. Ao discursar sobre a loucura do meu adversário, quero fazer entender, que nesta dualidade imposta, eu sou o normal. Como psiquiatras, por muitas vezes, somos acionados para emitir laudos que atendam os interesses jurídicos, muitos destes desconforme com a realidade do periciado. Este comportamento não é exclusivo da atualidade. Na obra de Vallejo-Nágera, citada acima, o autor conta que Joana de Castela e Aragão, no processo de unificação da Espanha, antes de ser enclausurada em Tordesilhas, recebia tanto do pai, como de seu esposo, um diagnóstico de louca ou sadia, conforme o interesse deles,

comprovado por personalidades de sua época, uma vez que ainda não se podia contar com médicos psiquiatras no final do séc. XV.

Diagnosticar a sanidade ou loucura de governantes seria uma tarefa desapropriada ao médico, em muitos casos, cuja encomenda tem interesses na disputa. Porém refletir sobre política, e particularmente sobre o que leva um governante a submeter seu país a guerra, buscando oprimir outros povos, ou conquistar mais território, nos remete a repensar sobre a natureza humana, e particularmente sobre o caráter destes governantes. Alguns querem e conseguem dividir o mundo em esquerda e direita. Nós dois, autores deste artigo, que tramitamos sempre apegados aos movimentos humanitários, somos simpáticos a uma política de centro e menos radical, com tendência à esquerda, mas atentos as propostas de ambos os lados. Edmundo Arruda foi um dos fundadores do PT em Santa Catarina e Marcos de Noronha nunca filiou-se a partidos políticos. Na América Latina, há uma grande variedade nos partidos de esquerda e alguns, de caráter mais populista parecem ter fome de chegar e permanecerem no poder. Outros caracterizados mais como um movimento de esquerda, guardando uma relação mais estreita com a academia; já ainda outros apegados a uma nostalgia do passado, de um comunismo que se destacou por seu domínio numa determinada época da história, contrapondo-se ao Imperialismo Americano. Na atualidade podemos ver claramente aquela esquerda mais autoritária e compará-la a outra, mais democrática. A autoritária elege e centraliza o poder num só líder, e parece jurássica, como cunhou recentemente numa publicação Sergio Ramírez, que associa a esta Nicolás Maduro da Venezuela e Evo Morales da Bolívia, por exemplo. Estes mostraram a maneira como encaram a política, recentemente, ao declararem seu apoio ao colega Putin na invasão da Ucrânia. Quanto ao novo presidente do Chile, o recém empossado Gabriel Boric, que condenou no twitter a invasão, seu discurso é diverso do de Evo Morales, ainda impregnado pelo período da Guerra Fria, mesmo meio século depois de seu fim.



Na Rússia, Putin encarna a URSS extinta por Gorbachov, e se vale do poderio que acumulou desde aquele período, conservando suas bombas atômicas, e as usa para ameaçar a quem dele discorda. Os noticiários na maior parte do planeta, mostram-se críticos a invasão russa e compreensíveis com a autonomia pretendida pela Ucrânia, mesmo que Putin traga consigo os ultra-nacionalistas e anti-semitas. Pela Piauí, acompanhando a carta de Andrey Kurkov que, com muita dificuldade, deixou a URSS para ir ao seu próprio casamento na Inglaterra e sobre perplexidade de muitos, resolveu retornar a seu país com sua esposa, podemos sim refletir sobre os regimes ditatoriais e autoritários. O que determina a personalidade de um ditador e as características de um povo que se submete a este tipo de regime? Num lar, qual a repercussão se nossos pais são opressores? A ditadura em Cuba, amenizada por alguns da esquerda, a da Coreia do Norte (quem se atreve a defendê-la?), a situação da Venezuela (numa conferência em Nova York Noronha foi criticado por uma professora daquele país, quando ao invés de "refugiados", denominou "emigrantes" aos que fugiam daquele regime) e, a antiga União Soviética, o que temos aí? Suas histórias nos faz refletir sobre os efeitos da opressão de um regime sobre a sociedade. Na atualidade, pensamos que nem deveria haver mais espaço para o antigo Comunismo, pelos fracassos das tentativas históricas desse regime, assim como, neste mundo todo integrado, como pode um país optar por um regime ditatorial sem sofrer as consequência dos outros países unidos e solidários com o povo? Na carta citada acima, seu autor conta sobre a infundável fila de carros e a agonia daqueles que pediam carona, para deixarem a Ucrânia atacada pela Rússia. Lembra das declarações de Putin, dizendo que o fim da URSS foi sua tragédia pessoal. O autor da carta compara os russos com os ucranianos, atribuindo uma passividade aos primeiros, e um desejo de liberdade nos segundos. Por isso diz "A Ucrânia, será livre, independente e européia - ou não existirá..." Defende seu país dizendo, que enquanto a Rússia no passado era uma monarquia, eles realizavam eleições para o cargo de Comandante

em Chefe - Atamã, como denominam o posto. Enquanto a Rússia substituiu Czar, por Czar, a Ucrânia tinha outra concepção. Enquanto somente Putin governa a Rússia, a Ucrânia já teve cinco presidentes. Para Kurkov a Rússia possui um regime de partido único (enquanto eles contam com mais de quatrocentos partidos). Na Rússia, destruíram todos os partidos opositores e, enquanto seus cidadãos têm medo de protestarem, na Ucrânia acontece ao contrário. Conta que um ucraniano quer ser livre, dono de sua própria terra, de sua própria vaca. Com tristeza os ucranianos recordam os momentos de opressão soviética. Já na Rússia hoje, todas as redes sociais foram isoladas, como o Facebook, Twitter e o tráfego pela web controlado. Num passado não muito longe, depois que os ucranianos se livraram da censura soviética, ficaram sabendo o que aconteceu nos anos 1920. O governo russo havia recorrido a deportações de camponeses ucranianos para a Sibéria e para o Extremo Oriente, deixando o povo sem saber do paradeiro de pessoas e famílias. Os ucranianos, segundo a tal carta, bradam com convicção, “nós e os russos somos povos diferente!” Diferentemente do que disseminar Putin.

Na verdade o homem sempre vai sofrer consequências quando tenta acreditar que não faz parte de um todo. Mesmo entendendo o lamento na carta de Andrey Kurkov da Ucrânia e sua tentativa de diferenciação entre ucranianos e os russos é preferível acreditar que somos todos irmãos. O desafio é religar, homens aos seus universos, depois de um longo período separando para entender os fenômenos, num movimento de especializações sobre nada, onde procurávamos saber tudo sobre as partes, desatento ao contexto. A intenção deste breve artigo, diante de um mundo polarizado, ou com tendência a cancelar o contraditório e destruir qualquer debate, é mostrar que podemos ser otimistas e superarmos os sentimentos que sustentam nossos preconceitos. Noronha ao voltar de uma viagem ao Chile em março de 2022, comentou que ficou frustrado com o que viu, num país aparentemente desenvolvido, mas com limitações em acolher sua população carente, tanto na educação como na saúde. No seu canal Terapia Social no

YouTube, colheu declarações de esperanças no seu novo líder eleito, e o desejo de alguns que esta função fosse ocupada por uma esquerda com bases mais humanitárias, menos corrupta que o governo no Brasil e na Argentina. Alguns falaram não tinham nenhuma objeção ao desenvolvimento, desde que sustentável, sem agredir tanto o planeta e buscando diminuir a desigualdade social. Como pensar que uma proposta nova, possa substituir a anterior sem destruir por completo aquela contribuição, acrescentando melhorias nas gestões, prevalecendo o bom senso? Como entender que a apresentação de uma nova forma de pensar não precisa ser excludente, ao pensamento anterior ou ao do outro. Se tivermos tolerância a diversidade nos enriqueceríamos com muitos caminhos a nossa frente para poder escolher aquele mais apropriado para um determinado momento. Do contrário, se formos intolerantes, contaríamos com apenas um caminho, certamente nos levando a arrogância.